

JACK LONDON

O APELO SELVAGEM

Tradução de
RUI GUEDES DA SILVA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2017

*Quando o ancestral e nómada anseio se liberta
Mortificado pelas grilhetas da tradição
Do seu torpor brumoso desperta
novamente a ferina ambição.*

1. RUMO AO PRIMITIVO

Buck não lia os jornais, caso contrário, teria sabido das atribulações que o aguardavam, a ele e a qualquer cão costeiro, de Puget Sound a San Diego, que tivesse músculos fortes e pelo comprido e aconchegante. Tudo porque alguns indivíduos, tateando as trevas do Ártico, haviam encontrado um metal amarelo; e, como as companhias de navegação e outros transportes andavam a espalhar a descoberta, milhares de homens precipitavam-se para o Norte. Ora estes homens precisavam de cães, e os cães de que precisavam tinham de ser possantes, com músculos poderosos para o trabalho e pelo espesso que os protegesse da geada.

Buck vivia numa grande casa no soalheiro Vale de Santa Clara. Quinta do juiz Miller, era como lhe chamavam. Ficava afastada da estrada, meio escondida por entre as árvores, através das quais se conseguia entrever uma varanda fresca e ampla, que percorria as quatro faces do edifício. À casa acediam caminhos de cascalho, serpeando entre vastos relvados, sob ramos entrelaçados de altos choupos. Nas traseiras, tudo tinha uma escala ainda mais grandiosa. Encontravam-se aí grandes estábulos, onde uma dúzia de

tratadores e moços de estrebaria, fileiras de moradias para a criadagem revestidas de trepadeiras, estufas intermináveis e bem cuidadas, compridas latadas de parreiras, pastos verdes, pomares e silvados. Além disto, havia ainda o poço artesiano e o enorme tanque de cimento onde os filhos do juiz Miller davam o seu mergulho matinal e se refrescavam pelas tardes quentes.

Este era o extenso domínio de Buck. Aqui nascera e aqui vivera os quatro anos da sua vida. É certo que havia outros cães. Nem podia deixar de haver outros cães em tão vasta quinta, mas esses não contavam. Iam e vinham, vivendo em canis superlotados, ou, então, obscuramente, nos recessos da casa, imitando Toots, o *pug* japonês, ou Ysabel, a cadelinha pelado mexicano — bizarras criaturas que raras vezes punham o focinho fora da porta ou a pata no jardim. Em contrapartida, os *fox terriers*, uma vintena pelo menos, ladravam terríveis ameaças a Toots e Ysabel, que os observavam das janelas protegidos por uma legião de criadas armadas de vassouras e espanadores.

Buck, porém, não era nem cão de casa nem de canil. Tudo aquilo era feudo seu. Mergulhava na piscina ou ia à caça com os filhos do juiz; escoltava Mollie e Alice, as irmãs, em grandes passeatas ao cair da tarde ou de manhãzinha; nas noites de inverno, deitava-se aos pés do juiz diante da lareira crepitante da biblioteca; levava os netos do magistrado às costas ou fazia-os rebolar na relva, e vigiava-os nas destemidas aventuras que os levavam até à fonte do pátio junto ao estábulo, e, mais além, onde ficavam os cercados e os silvados. Pavoneava-se orgulhosamente por entre os *terriers* e, quanto a Toots e a

Ysabel, ignorava-os completamente — porque ele era o rei, rei de tudo quanto naquela quinta gatinhasse, rastejasse ou voasse, incluindo os homens.

O pai de Buck, Elmo, um enorme são-bernardo, fora o companheiro inseparável do juiz e o filho prometia seguir as pegadas do pai. Não era tão corpulento — pesava apenas cerca de sessenta e cinco quilos — talvez por sair à mãe, Shep, de raça pastor escocês, mas, mesmo assim, sessenta e cinco quilos, a que se acrescentaram a dignidade que vem de uma boa vivência e do respeito universal, davam-lhe a possibilidade de se comportar de maneira autenticamente real. Nos quatro anos que se seguiram à sua infância, vivera a vida de um fidalgo saciado; tinha um grande orgulho em si próprio e era até um tudo-nada egoísta, tal como o são por vezes os aristocratas de província, devido à sua situação insular. Escapara, porém, de se tornar um mero e apapricado cão de casa. A caça e semelhantes deleites ao ar livre tinham-lhe abatido a gordura e endurecido os músculos; e, para ele, como para as raças idênticas à sua, o amor pela água fora um tônico e um preservador de saúde.

Era este, pois, o estado em que se encontrava o cão Buck quando, no outono de 1897, a descoberta de ouro em Klondike arrastou homens de todo o mundo para o gelado Norte. Buck, porém, não lia os jornais, e não sabia que Manuel, um dos ajudantes do jardineiro, era uma companhia indesejável. Manuel tinha um mau hábito persistente: jogava na lotaria chinesa. Além disso, ao jogar, apresentava uma fraqueza persistente: a fé num sistema; e isto tornava certa a sua perdição. É que entrar num sistema

exige dinheiro, ao passo que o salário de um ajudante de jardineiro mal chega para cobrir as necessidades de uma esposa e de uma prole numerosa.

Nessa memorável noite da traição de Manuel, o juiz tinha ido a uma reunião da Associação dos Vinicultores, enquanto os filhos andavam atarefados com a organização de um clube de atletismo. Ninguém viu Manuel atravessar o pomar com Buck, naquilo que este julgou tratar-se de um passeio rotineiro; e, à exceção de um homem solitário, também ninguém os viu chegar ao apeadeiro conhecido por College Park. Esse homem falou com Manuel e, entre eles, tilintaram moedas.

— Era melhor era atares a mercadoria antes d'a entregares — disse o desconhecido com maus modos, e Manuel passou um pedaço de corda grossa à volta do pescoço de Buck, por baixo da coleira.

— Torce-a e apertas-o bem — replicou Manuel, e o desconhecido rosnou afirmativamente.

Buck aceitou a corda com calma dignidade. Tratava-se, é certo, de um ato nada habitual; mas ele aprendera a confiar nos homens que conhecia e a dar-lhes o crédito de uma sabedoria que ultrapassava a sua. No entanto, quando as pontas da corda passaram para as mãos do desconhecido, rosnou ameaçador. Manifestava apenas o seu desagrado, na orgulhosa crença de que manifestar era sinónimo de mandar. Porém, para sua surpresa, a corda apertou-se-lhe à volta do pescoço, cortando-lhe a respiração. Com uma súbita fúria, atirou-se ao homem, mas este, a meio do salto, agarrou-o bem pela garganta, e, com uma hábil torção, atirou-o para trás das costas.

Foi então que a corda começou a apertar-se, sem dó nem piedade, enquanto Buck se debatia furioso, com a língua balançando de fora e o seu largo peito arquejando em vão. Nunca em toda a sua vida fora tão vilmente tratado, e nunca em toda a sua vida se enfurecera tanto. As forças, contudo, acabaram por abandoná-lo e os olhos tornaram-se vítreos, e não deu por nada quando o comboio deu sinal de partida e os homens o arremessaram para o vagão das bagagens.

Quando voltou a si, teve a vaga sensação de a língua lhe doer e de estar a ser sacudido dentro de um qualquer meio de transporte. O silvo estridente de uma locomotiva apitando numa encruzilhada deu-lhe a certeza do lugar onde estava. Viajara demasiadas vezes com o juiz para não conhecer a sensação de viajar num furgão. Abriu os olhos e neles cintilou a cólera desmedida de um rei raptado. O homem saltou-lhe ao pescoço mas Buck foi mais rápido do que ele. Ferrou-lhe as mandíbulas na mão e não afrouxou senão quando os sentidos o abandonaram mais uma vez.

— Est'aqui tem ataques — disse o homem, escondendo a mão despedaçada do bagageiro que acorrera ao ruído da luta. — Vou levar ele ao meu patrão em São Francisco. O maluco de um veterinário qu'há lá diz qu'ó pode curar.

Dessa cavalgada noturna, o homem falou o mais eloquentemente que podia num alpendre das traseiras de uma taberna à beira-mar em São Francisco.

— Só me deram cinquenta dele — lamuriava — e não o voltava a fazer nem por mil, pagos à vista.

Tinha a mão embrulhada num lenço ensanguentado e a perna direita das calças estava rasgada do joelho ao tornozelo.

— Quanto é que o outro tipo pediu? — perguntou o dono da taberna.

— Cem — foi a resposta. — Não fez a coisa por um tostão menos, assim Deus me ajude.

— Isso faz cento e cinquenta — calculou o taberneiro —, mas o bicho merece-o ou eu sou uma grande besta.

O raptor de Buck tirou as ligaduras e contemplou a mão dilacerada.

— Se eu não apanhar hidrofobia...

— É porque nasceste para morrer na forca — es-carneceu o taberneiro. — Olha, chega-me mas é aqui uma mãozinha antes que dê de frosques — acrescentou.

Zonzo, com dores intoleráveis na garganta e na língua e a vida quase a ser-lhe estrangulada, Buck tentou fazer face aos seus carrascos, mas de todas as vezes foi derrubado e sufocado, até que conseguiram arrancar-lhe a coleira de metal do pescoço. Então, libertaram-no da corda e arremessaram-no para uma espécie de jaula.

Aí ficou o resto daquela infundável noite, remoendo a raiva e o orgulho ferido. Não conseguia compreender o significado de tudo aquilo. O que queriam dele, aqueles desconhecidos? Porque o encurralavam naquela caixa estreita? Não sabia porquê, mas sentia-se oprimido por uma vaga sensação de calamidade iminente. Por diversas vezes nessa noite tentou pôr-se de pé quando a porta do alpendre chiava ao abrir-se, esperando ver finalmente o juiz ou,

pelo menos, os rapazes, mas era sempre a face bojuda do taberneiro que o espreitava à luz mortiça de uma vela de sebo. E, de todas as vezes, o ladrido de satisfação que estremecia na garganta de Buck se estrangulava em rosnar selvagem.

O taberneiro acabou por o deixar estar, e pela manhã chegaram quatro homens para levar a jaula. «Mais carascos», concluiu Buck pelo aspecto sinistro dos fulanos, esfarrapados e desgrenhados; então lançou-se enfurecido contra eles através das grades. Eles limitaram-se a rir e a atiçá-lo com paus, que ele atacou prontamente com os dentes, até que percebeu que era isso mesmo o que eles queriam. Como tal, estendeu-se taciturno e deixou que levassem a jaula para um vagão. A partir daí, ele e a gaiola que o encerrava começaram a passar de mão em mão. Na estação, ficou sob a alçada dos empregados; depois atiraram-no para outro vagão; um camião levou-o, com um sortido de caixotes e embrulhos, para um barco fluvial; do barco passou para um grande armazém dos caminhos-de-ferro e, por fim, foram depositá-lo numa carruagem do comboio expresso.

Durante dois dias e duas noites a carruagem foi arastada na cauda de locomotivas ululantes — dois dias e duas noites em que Buck não comeu nem dormiu. Na sua raiva, respondeu às primeiras tentativas de aproximação dos paquetes do expresso com rosnadelas, e eles vingaram-se metendo-se com ele. Quando, fremente e a espumar, se atirou de encontro às grades, eles riram-se dele e provocaram-no. Puseram-se a rosnar e a ladrar como cães detestáveis, a miar e a bater os braços e crocitar. Tudo

aquilo era ridículo, e ele sabia-o; por isso mesmo, mais sentia ultrajada a sua dignidade e o seu furor aumentava. A fome não o incomodava muito, mas a sede causava-lhe um sofrimento intolerável e levava-lhe a fúria às raias da febre. Precisamente por ser vigoroso mas extremamente sensível, os maus tratos tinham-no atirado para um estado febril, alimentado pela inflamação da garganta e da língua, ressequidas e inchadas.

Alegrava-se apenas com uma coisa: já não trazia a corda ao pescoço. Até aí ela dera-lhe uma desvantagem desleal, mas agora, que não a tinha, havia de mostrar-lhes. Nunca mais ninguém lhe poria outra corda ao pescoço. Estava decidido a isso. Durante dois dias e duas noites não comera nem bebera e durante esses dois dias e duas noites de tormento acumulara em si tal reserva de ódio que não agourava nada de bom para o primeiro desgraçado que se metesse com ele. Os olhos tinham-se-lhe raiado de sangue, e ele mesmo se transformara num autêntico demónio de fúria. Estava tão mudado que o próprio juiz não o teria reconhecido; e os paquetes do expresso suspiraram de alívio quando, em Seattle, o despacharam do comboio.

Cautelosamente, quatro homens transportaram a jaula do comboio para um pátio de paredes altas numas traseiras quaisquer. Um homem corpulento, de camisolão encarnado com a gola bastante descaída, apareceu e assinou o papel que o condutor lhe estendia. «Cá está o homem, o novo carrasco», adivinhou Buck, e atirou-se selvaticamente de encontro às grades. O homem sorriu sinistramente e agarrou num machado e num cacete.